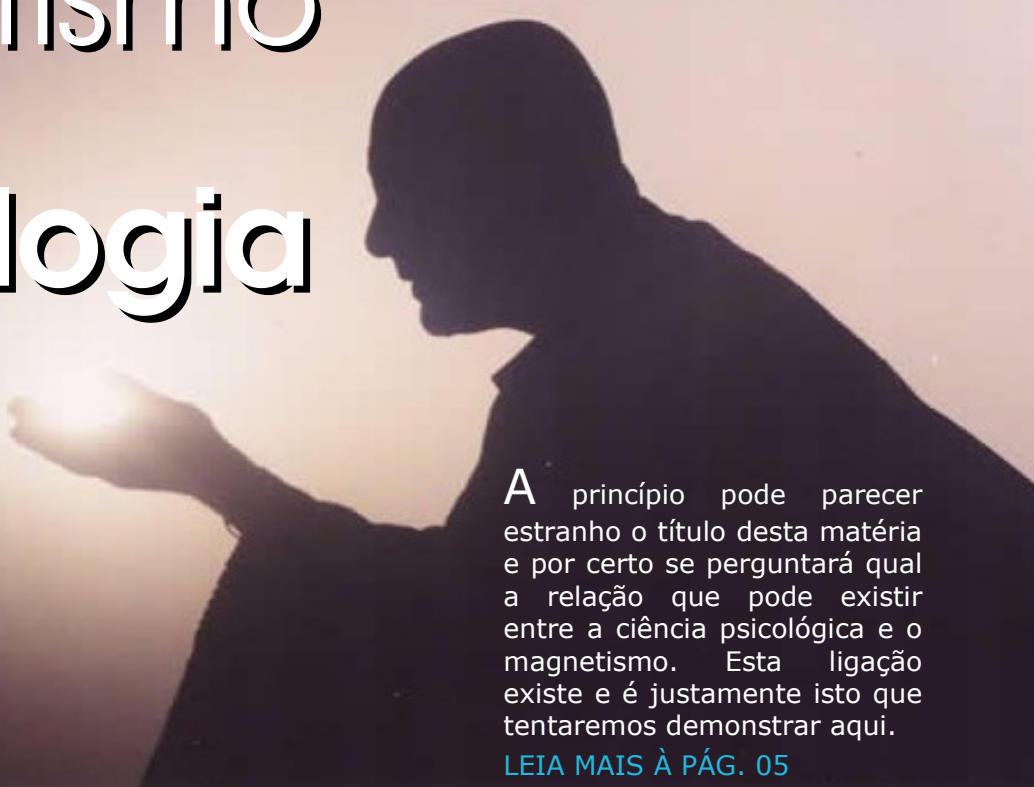


# Jornal Vortice

Informativo sobre Magnetismo

ANO II, n.º 10 Aracaju/Sergipe/Brasil, março/2010 [jvortice@gmail.com](mailto:jvortice@gmail.com)

## Magnetismo e Psicologia

A silhouette of a person's head and shoulders in profile, facing left. Their right hand is held out, palm up, with a bright, glowing orb of light emanating from it. The background is a soft, warm gradient of light colors.

A princípio pode parecer estranho o título desta matéria e por certo se perguntará qual a relação que pode existir entre a ciência psicológica e o magnetismo. Esta ligação existe e é justamente isto que tentaremos demonstrar aqui.

[LEIA MAIS À PÁG. 05](#)

### LEIA MAIS:

|   |         |
|---|---------|
| Veja a nova dica de leitura .....                     | pág. 02 |
| Novo Estudo do Passe e do Magnetismo em Aracaju ..... | pág. 08 |
| Texto de Ana Vargas: As portas do dor .....           | pág. 09 |
| Texto traduzido de Aubin Gauthier .....               | pág. 11 |
| Jacob Melo responde sobre a fé .....                  | pág. 13 |

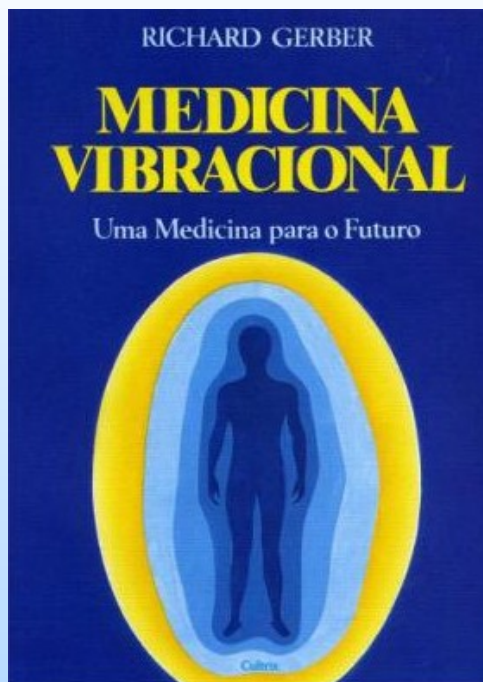
## EDITORIAL

A cura através da energia humana consta da história há milênios, desde a Antiguidade. Atravessou o tempo e continua a sua trajetória, lenta mas firmemente. Em cada época enfrentou a crítica e a incompreensão daqueles que, mesmo do alto do seu saber, não conseguiram enxergar a luminosidade que se espalhava de tão nobre recurso. Mas, mesmo assim, sua luz não apagou e continua buscando o seu espaço a fim de que, no futuro, quando for reconhecida mais amplamente como recurso válido e salutar, possa ocupar o seu lugar de destaque.

Hoje existe uma grande diversidade de meios através dos quais a energética vital humana tem sido utilizada de forma a proporcionar a cura ou o alívio das patologias que afligem a humanidade. São as chamadas terapias alternativas, de variada nomenclatura, diferentes apenas na forma de utilização, mas provenientes da mesma fonte, o fluido vital que todo ser humano possui em maior ou menor grau e potencial de cura.

Aos poucos estas terapias têm se espalhado por toda parte, conquistado espaços e até mesmo se oficializado através dos órgãos responsáveis. Através do trabalho sério, sobretudo aquele que, isento de fantasias e elementos acessórios desnecessários, apresenta de forma convincente os resultados positivos alcançados. Assim poderá ser com o Magnetismo aliado ao Espiritismo. Somando o estudo e a pesquisa aos objetivos elevados e ao desinteresse pecuniário, poderá ele, quem sabe, contribuir mais profundamente com o bem das pessoas ao tratar não o corpo apenas, mas o perispírito, a matriz das doenças, além da alma em desarmonia com as leis divinas, geradoras de paz e felicidade.

## DICA DE LEITURA



Partindo do conceito de que o ser humano é um complexo multidimensional composto por vários níveis energéticos que se interinfluenciam, o autor aborda diversas formas terapêuticas que utilizam as energias sutis para a cura das doenças. Relata diversas experiências científicas realizadas para comprovação desta realidade, além de detalhar a respeito de inúmeros equipamentos eletrônicos usados para diagnóstico de patologias a nível sutil energético.

De forma destemida, faz um prognóstico ao futuro da Medicina a qual, baseando-se no modelo energético ou holográfico - como ele mesmo chama -, usaria as diversas energias do homem e da natureza para tratamento do ser humano doente, numa nova visão a respeito de doença e cura.

**Sobre o autor**

Richard Gerber formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de Wayne, em Detroit, USA e pesquisou durante 12 anos a respeito de métodos alternativos de cura antes de escrever o livro em 1988, quando contava 33 anos de idade.



# O AUXÍLIO MÚTUO

Espírito Neio Lúcio.  
Psicoqrafia de Chico Xavier.



Diante dos companheiros, André leu expressivo trecho de Isaías e falou, comovido, quanto às necessidades da salvação.

Comentou Mateus os aspectos menos agradáveis do trabalho e Filipe opinou que é sempre muito difícil atender à própria situação, quando nos consagramos ao socorro dos outros.

Jesus ouvia os apóstolos em silêncio e, quando as discussões, em derredor, se enfraqueceram, comentou, muito simples:

- Em zona montanhosa, através de região deserta, caminhavam dois velhos amigos, ambos enfermos, cada qual a defender-se, quanto possível, contra os golpes do ar gelado, quando foram surpreendidos por uma criança semimorta, na estrada, ao sabor da ventania de inverno.

Um deles fixou o singular achado e clamou, irritadiço: - "Não perderei tempo. A hora exige cuidado para comigo mesmo. Sigamos à frente".

O outro, porém, mais piedoso, considerou:

- "Amigo, salvemos o pequenino. É nosso irmão em humanidade".

- "Não posso - disse o companheiro, endu-recido -, sinto-me cansado e doente. Este desconhecido seria um peso insuportável. Temos frio e tempestade. Precisamos ganhar a aldeia próxima sem perda de minutos".

E avançou para diante em largas passadas.

O viajor de bom sentimento, contudo, inclinou-se para o menino estendido, demorou-se alguns minutos colando-o paternalmente ao próprio peito e, aconchegando-o ainda mais, marchou adiante, embora menos rápido.

A chuva gelada caiu, metódica, pela noite a dentro, mas ele, sobraçando o valioso fardo, depois de muito tempo atingiu a hospedaria do

povoado que buscava. Com enorme surpresa, porém, não encontrou aí o colega que o precedera. Somente no dia imediato, depois de minuciosa procura, foi o infeliz viajante encontrado sem vida, num desvão do caminho alagado.

Seguindo à pressa e a sós, com a idéia egoística de preservar-se, não resistiu à onda de frio que se fizera violenta e tombou encharcado, sem recursos com que pudesse fazer face ao congelamento, enquanto que o companheiro, recebendo, em troca, o suave calor da criança que sustentava junto do próprio coração, superou os obstáculos da noite frígida, guardando-se indene de semelhante desastre. Descobriu a sublimidade do auxílio mútuo... Ajudando ao menino abandonado, ajudara a si mesmo. Avançando com sacrifício para ser útil a outrem, conseguira triunfar dos percalços da senda, alcançando as bênçãos da salvação recíproca.

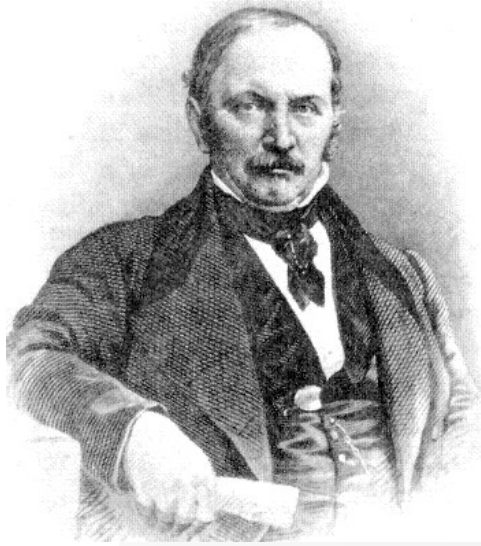
A história singela deixara os discípulos surpreendidos e sensibilizados.

Terna admiração transparecia nos olhos úmidos das mulheres humildes que acompanhavam a reunião, ao passo que os homens se entreolhavam, espantados.

Foi então que Jesus, depois de curto silêncio, concluiu expressivamente:

- As mais eloquentes e exatas testemunhas de um homem, perante o Pai Supremo, são as suas próprias obras. Aqueles que amparamos constituem nosso sustentáculo. O coração que socorremos converter-se-á agora ou mais tarde em recurso a nosso favor. Ninguém duvide. Um homem sozinho é simplesmente um adorno vivo de solidão, mas aquele que coopera em benefício do próximo é credor do auxílio comum. Ajudando, sere-mos ajudados. Dando, receberemos: esta é a Lei Divina.





# PALAVRAS do Codificador

## OBRAS PÓSTUMAS

### Introdução ao Estudo da Fotografia e da Telegrafia do Pensamento

Toda ação física ou moral, patente ou oculta, de um ser sobre si mesmo, ou sobre outro, pressupõe, de um lado, uma força atuante e, de outro, uma sensibilidade passiva. Em todas as coisas, duas forças iguais se neutralizam e a fraqueza cede à força. Ora, não sendo todos os homens dotados da mesma energia fluídica, ou, por outra, não tendo o fluido perispirítico, em todos, a mesma potência ativa, explicado fica por que, nuns, essa potência é quase irresistível, ao passo que, noutros, é nula; por que algumas pessoas são muito acessíveis à sua ação, enquanto que outras lhe são refratárias.

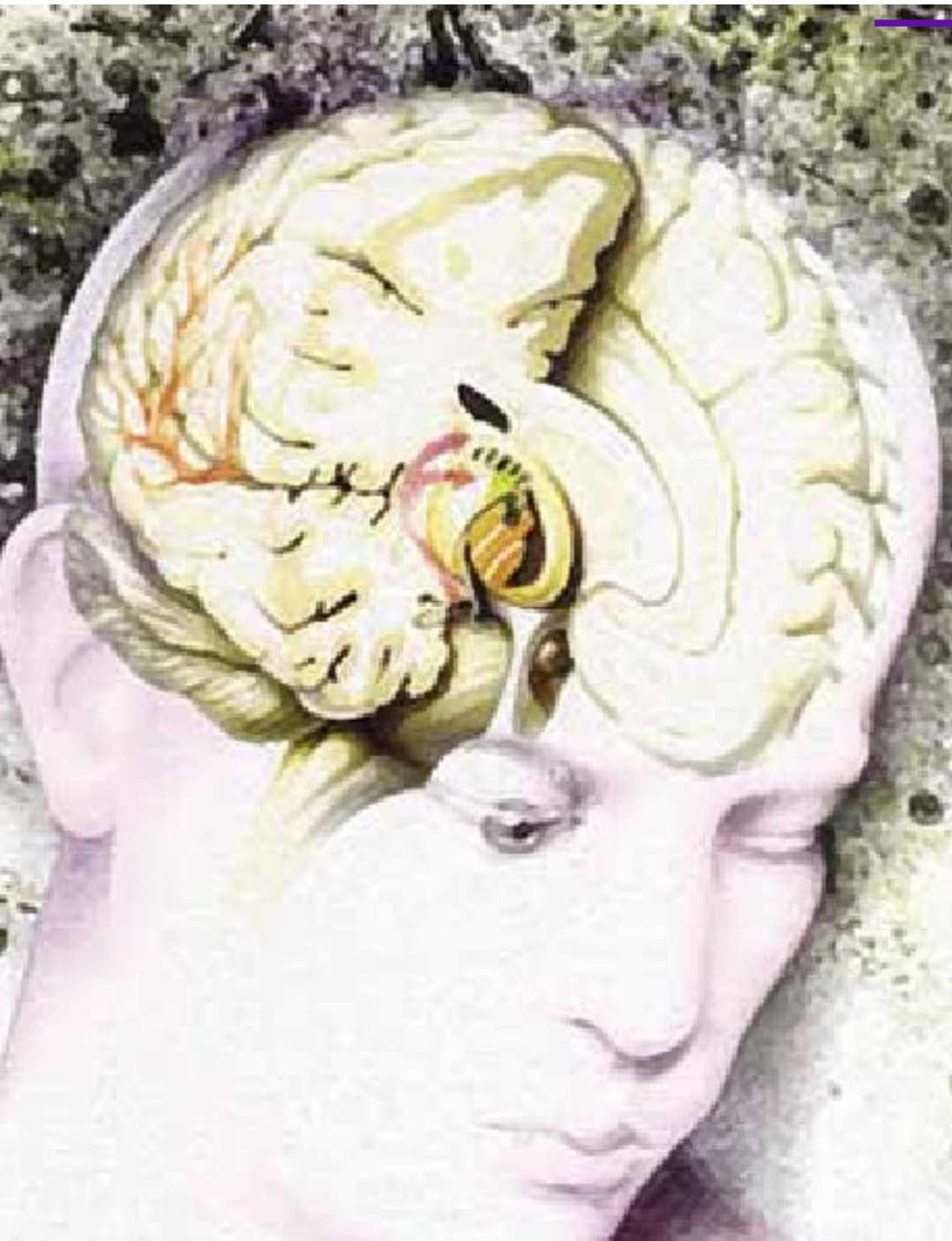
Essa superioridade e essa inferioridade relativas dependem evidentemente do organismo; mas, fora erro acreditar-se que estão na razão direta da força ou da fraqueza física. A experiência prova que os homens mais robustos às vezes sofrem as influências fluídicas mais facilmente do que outros de constituição muito mais delicada, ao passo que com freqüência se descobrem entre estes últimos uma força que a frágil aparência deles não permitiria se suspeitasse. De muitas formas se pode explicar essa diversidade no modo de agir.

O poder fluídico aplicado à ação recíproca dos homens uns sobre os outros, isto é, ao Magnetismo, pode depender: 1º da quantidade de fluido que cada um possua; 2º da natureza intrínseca do fluido de cada um, abstração feita da quantidade; 3º do grau de energia da força impulsiva; porventura, até, dessas três causas reunidas. Na primeira hipótese, aquele que tem mais fluido dá-lo-ia ao que tem menos, recebendo-o deste em menor quantidade. Haveria nesse caso analogia perfeita com a permuta de calórico entre dois corpos que se colocam em equilíbrio de temperatura. Qualquer

que seja a causa daquela diferença, podemos aperceber-nos do efeito que ela produz, imaginando três pessoas cujo poder representaremos pelos números 10, 5 e 1. O 10 agirá sobre o 5 e sobre o 1, porém mais energicamente sobre o 1 do que sobre o 5; este atuará sobre o 1 mas será impotente para atuar sobre o 10; o 1, finalmente, não atuará sobre nenhum dos dois outros. Será essa talvez a razão por que certos pacientes são sensíveis à ação de tal magnetizador e insensíveis à de tal outro.

Pode-se também, até certo ponto, explicar esse fenômeno, apoiado nas considerações precedentes. Dissemos, com efeito, que os fluidos individuais são simpáticos ou antipáticos, uns com relação aos outros. Ora, não poderia dar-se que a ação recíproca de dois indivíduos estivesse na razão da simpatia dos fluidos, isto é, da tendência destes a se confundirem por uma espécie de harmonia, como as ondas sonoras produzidas pelos corpos vibrantes? Indubitavelmente essa harmonia ou simpatia dos fluidos é uma condição, ainda que não indispensável em absoluto, pelo menos muito preponderante, e quando há desacordo ou antipatia, a ação não pode deixar de ser fraca, ou, até, nula. Este sistema explica bem as condições prévias da ação; mas, não diz de que lado está a força e, admitindo-o, somos forçados a recorrer à nossa primeira suposição.

Em suma, que o fenômeno se dê por uma ou outra dessas causas, isso não leva a nenhuma consequência. O fato existe; é o essencial. Os da luz se explicam igualmente pela teoria da emissão e pela das ondulações; os da eletricidade, pelos fluidos positivo e negativo, vítreo e resinoso. □



Adilson Mota

# PSICOLOGIA & MAGNETISMO

A princípio pode parecer estranho o título desta matéria e por certo se perguntará qual a relação que pode existir entre a ciência psicológica e o Magnetismo. Esta ligação existe e é justamente isto que tentaremos demonstrar aqui.

A Psicologia, a princípio ciência da alma, hoje, não é mais do que ciência do comportamento. Seguindo a tradição materialista das demais ciências, a Psicologia abandonou o estudo da nossa essência para dedicar-se a aspectos menos transcendentais do ser humano. Por incapacidade de comprovar a sua existência e atuação através da análise metodológica convencional, a alma foi deixada de lado para se dedicar apenas àquilo que é mais palpável. Ela é hoje a mais múltipla das ciências por possuir a maior diversidade de "correntes" de pensamento, aliás, justamente por não conseguir nenhuma delas a explicação total dos fenômenos mentais, já que teima em se manter em bases materialistas, deixando sempre uma janela aberta ao surgimento de uma nova psicologia que consiga explicar melhor os fatos.

O Espiritismo, como ciência que estuda o ser humano (dos dois lados da vida), não deixa de lançar luz sobre a Psicologia, como também sobre muitas outras ciências como a Física e a Antropologia. Forma, assim, uma psicologia própria, conseguindo mostrar a origem de todos os males e a sua forma de correção.

E o Magnetismo? Qual a sua participação neste processo?

Entendendo-o como uma verdadeira ciência que abrange os fenômenos conhecidos como anímicos, podemos localizar o seu elo de ligação com a Psicologia no sonambulismo.



A classificação espírita do sonambulismo como natural e magnético, diferencia-os no fato do primeiro ser espontâneo e o segundo, provocado.

O sonambulismo natural, tido pela medicina como um transtorno do sono, é, para o Espiritismo, uma forma que o Espírito encarnado encontra para desprender-se do corpo físico, e faz parte dos fenômenos de emancipação da alma, estudados por Allan Kardec no capítulo VIII da segunda parte de O Livro dos Espíritos.

O sonambulismo já era de conhecimento de Mesmer, *pai do Magnetismo*, no final do século XVIII. Mas foi seu discípulo, o marquês de Puységur, quem o estudou mais aprofundadamente e deu a ele uma utilidade na terapêutica magnética. Desta forma, o sonâmbulo, podendo ver o interior dos corpos, podia traçar diagnósticos das doenças, indicar medicamentos e até prever cada fase do tratamento até o seu término. Entretanto, estas não eram todas as possibilidades do sonambulismo, pois os seus portadores também podiam ver através de corpos opacos, ver à distância, ler pensamentos, ler textos de olhos fechados. E é desta forma que ele se liga à Psicologia.

Estes fenômenos, os quais as pessoas não realizam em estado de vigília (despertos), mostram que existem na mente humana capacidades ainda desconhecidas ou pouco estudadas. A observação atenta revela que não poderiam ser explicadas pelas leis fisiológicas e que o sensitivo não se utiliza dos sentidos físicos para a captação das informações. Isto sugere (Kardec e alguns magnetizadores já tinham se apercebido disto) a existência no ser humano de algo mais do que a matéria. Por isso, Allan Kardec afirmou na mesma obra já citada:

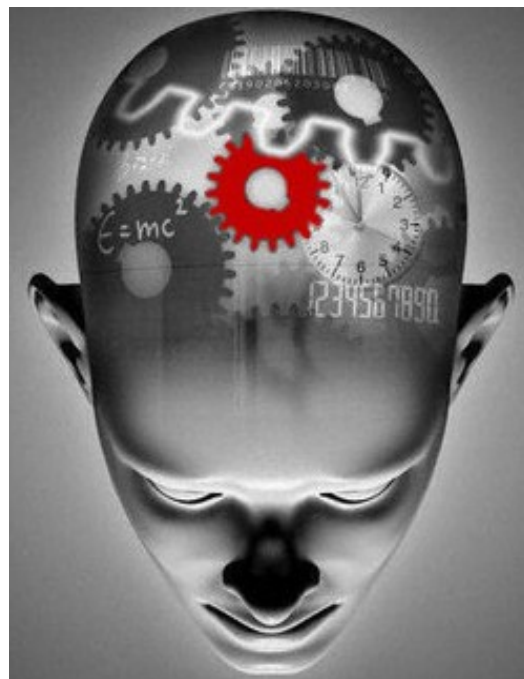
Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada sobre a psicologia. É aí que se pode estudar a alma, porque é onde esta se mostra a descoberto.

Através dos fatos proporcionados pelo sonambulismo podemos chegar até à alma.

Tentando explicar a origem das faculdades no sonâmbulo, em contraposição às explicações biológicas, vamos encontrar em *Obras Póstumas* uma carta enviada ao codificador por um amigo, na qual são citados trechos de uma obra de autoria de Charpignon (magnetizador e espírita), dos quais, transcrevemos pequena parte:

“A existência, porém, da alma se encontra mais fortemente demonstrada pelo estudo de algumas outras faculdades do sonambulismo magnético. Assim, a visão à distância, quando completa e nitidamente destacada da transmissão do pensamento, não poderia, segundo a nossa maneira de ver, explicar-se pela extensão do simpático orgânico.”

Como vemos, as possibilidades que o sonambulismo oferece, como a citada pelo autor do texto, e que podem ser acrescidas por outras como, por exemplo, a visão através de objetos opacos, não podem ser explicadas em termos orgânicos.



“ Estes fenômenos, os quais as pessoas não realizam em estado de vigília (despertos), mostram que existem na mente humana capacidades ainda desconhecidas ou pouco estudadas. ”

Se comumente não conseguimos realizar estas proezas senão em estado sonambúlico, isto nos remete a procurar a causa dos fenômenos em algum elemento fora do corpo físico. Pela natureza da faculdade, se manifestando esta de maneira superior às nossas capacidades sensoriais, deve ser atribuída a algo de natureza também superior ao corpo físico, algo sutil, incorpóreo. É da própria alma que estamos falando. Esta, estando o indivíduo em um estado hipnótico ou de transe, que podem ser provocados magneticamente, recobra parcialmente a sua liberdade, torna-se semi-independente do organismo físico, encontrando condições favoráveis para manifestar as suas capacidades espirituais, as quais são comuns nos desencarnados.

A Doutrina Espírita vai mais longe, explicando as diversas características demonstradas pelo sonâmbulo, como por exemplo, a vista à distância. Segundo os estudiosos do assunto, é comum o sonâmbulo, de olhos fechados, relatar que está "vendo" através do joelho, do abdome, etc. Kardec, ainda em O Livro dos Espíritos, explica que isto se dá por que a sua visão não está sendo a dos olhos físicos mas sim a da alma que não precisa daqueles para tal. A alma vê através de todo o seu ser incorpóreo.

De uma causa única se originam a clarividência do sonâmbulo magnético e a do sonâmbulo natural. É *um atributo da alma*, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós e cujos limites não são outros senão os assinados à própria alma. O sonâmbulo vê em todos os lugares aonde sua alma possa transportar-se, qualquer que seja a longitude.

Assim ele já explica o mecanismo da visão à distância. É a alma que se move até onde está o objeto da sua visão. Fora do corpo físico consegue deslocar-se com a velocidade do pensamento e ir ao encontro daquilo que deseja ver, não havendo obstáculos materiais que se interponham à sua vontade.

“ A Doutrina Espírita vai mais longe, explicando as diversas características demonstradas pelo sonâmbulo, como por exemplo a vista à distância. ”



O próprio sonâmbulo nos coloca no caminho que conduz à alma como fonte dos fenômenos sonambúlicos quando descreve a sensação de observar a sua individualidade (alma) ao mesmo tempo em que enxerga o seu organismo físico estando fora do mesmo, como se fosse uma outra pessoa. De outras vezes, relata ter visto e ouvido os Espíritos desencarnados e deles ter recebido instruções diversas.



Desta forma, a Psicologia poderia aurir muitas vantagens do estudo aprofundado do Espiritismo, tomando como ferramentas o sonambulismo e o Magnetismo, onde encontraria a comprovação da existência do imaterial no ser humano, além da forma de atuação da alma e seus potenciais. Não a localizando em seus laboratórios, os quais utilizam métodos e abordagens inadequados para o estudo deste tema transcendental, deixam-na de lado. Utilizando a forma correta de investigação, se defrontaria com a alma de forma objetiva, a fim de analisar os seus efeitos e, por eles, descobrir o que existe de mais profundo, o Espírito, fonte da vida e de todas as ações e pensamentos, origem de todos os conflitos, ações e reações humanas. □



## EVENTOS



# ESTUDO do PASSE e do MAGNETISMO

Mais uma vez o Instituto Espírita Paulo de Tarso, de Aracaju/SE, realizará o **Estudo do Passe e do Magnetismo**. O curso, na sua 8.ª edição, será ministrado pela dupla Adilson Mota e Marcella Colocci, tendo início no dia 07 de abril.

O objetivo deste estudo, segundo Marcella, é poder disseminar o trabalho do passe e o conhecimento do Magnetismo. Visa também conscientizar o participante da responsabilidade de ser um magnetizador, o

que vai além do conhecimento das técnicas. O participante, dependendo do seu aproveitamento, ao final do curso estará apto a iniciar a tarefa, porém ser magnetizador depende de empenho, estudo e trabalho, sem falar dos requisitos morais.

O curso contempla desde os aspectos históricos do Magnetismo e suas ligações com o Espiritismo, além de noções anatômicas e fisiológicas do corpo humano, até os aspectos práticos e técnicos desta terapêutica. Os participantes terão ainda a oportunidade de finalizar com estágio supervisionado, onde deverão tratar e acompanhar um paciente durante quatro semanas.



## INSCRIÇÕES

As inscrições podem ser feitas por telefone ou e-mail, ou ainda na própria instituição.

Marcella 3041-7729 9930-8668 mscolocci@gmail.com

Adilson 8109-4570 adilsonmota1@gmail.com

Instituto Espírita Paulo de Tarso

Rua Senador Rollemberg, 911 – Bairro São José,  
Aracaju/SE

Às segundas, quintas e domingos à noite.





# A Porta da Dor

Ana Vargas

O velho jargão de que se busca um grupo espírita pelo amor ou pela dor, infelizmente ainda é real.

As portas do amor são buscadas por quem procura o conhecimento, por ele mesmo. É aquela criatura que pensa e sente o mundo com uma espiritualidade natural, ou seja, é a pessoa que vislumbra que há mais nesse universo infinito do que pode conceber a nossa vã filosofia. Então, ela caminha, procura aqui e acolá explicações para a vida. O que essas pessoas possuem é uma saudável inquietação intelectual. Às vezes, estão confusas, mas são facilmente acalmadas em grupos de estudo com o conhecimento da filosofia espírita contida em O Livro dos Espíritos. E, em geral, ao se encontrarem com ela a abraçam felizes e harmonizados.

Outros, porém, sequer enxergam essas portas. Trilham os caminhos da dor, chegam como soldados retornando da guerra, feridos, maltratados, sofridos e, o pior de tudo, em desespero e ansiosos. O sofrimento é para eles como uma batata quente nas mãos, e não sabem o que fazer com ele. Correm de um lado a outro, fazem de tudo um pouco, acedem uma vela para Deus e outro para o diabo, lado a lado, e na mesma hora.

Trabalhar nas portas do amor é um bálsamo revigorante. Mas trabalhar nos portais da dor humana exige muito. Precisamos ter bom conhecimento do Espiritismo e da sua ferramenta de ação, que é o Magnetismo; precisamos nos apoiar em conhecimentos científicos especializados, para mais bem aplicá-los. E, acima, de tudo precisamos compreender a natureza humana e conhecer a nós mesmos.

Lidar com as feridas, os males e dores, até pode ser simples. Difícil mesmo é ver o desespero e socorrê-lo. Não aquele desespero que grita e chora a altos brados; mas, aquele silencioso que rói a alma e desfaz tudo que se pode conquistar de bom, em qualquer forma de tratamento e/ou atendimento. Ele vem recheado com falta de aceitação, com falta de reflexão sobre a vida, com um acentuado materialismo e hedonismo (tão divulgados em nossa cultura atual), ele tem pressa. Meu Deus! Como tem pressa. É indisciplinado, credo e descrente ao mesmo tempo, pede orientação e faz o que bem entende, não escuta. Traz consigo a ansiedade e a depressão, que ganharão rapidamente grande espaço. É avesso ao conhecimento. Quer um guia, alguém que lhe diga o que fazer, exige atenção.

Amigos, esse é o acompanhante invisível de muitas pessoas que buscam as sociedades espíritas e, em especial, o atendimento magnético. Ele é mil vezes mais difícil de atender do que um obsessor desencarnado, não tem passe dispersivo que afaste e corte ligações mentais.

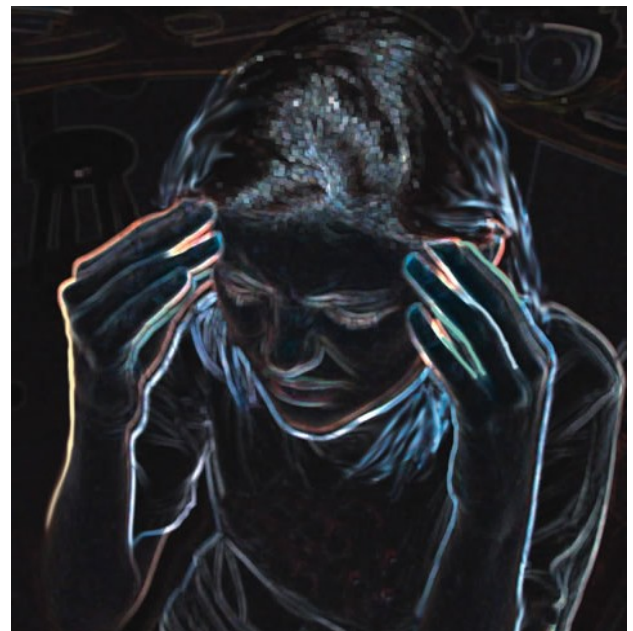
Exige dos magnetizadores muito diálogo, muita compreensão e paciência, tolerância, e o aprendizado de suportar a ingratidão (não estou falando do muito obrigado nem do reconhecimento público, falo da entrega e da confiança com que o atendido gratifica o magnetizador, tal como o bebê gratifica a mãe largando-se confiante e alegre em seus braços), e aprendermos que o outro tem direito de errar, que não existe aprendizado a força para questões da alma, portanto não podemos interferir que o sofrimento pode ser muito amenizado apenas pela forma equilibrada com que é visto e vivido, e, que, por fim, não nos cabe socorrer quem deseja sofrer e tão pouco podemos nos afligir com essa decisão.

O trabalho na porta da dor necessita grande preparo para lidar com nossas emoções que são desafiadas por esses comportamentos desesperados e diante dos quais precisamos manter o equilíbrio tanto emocional quanto mental, enxergando o que de fato faz a pessoa sofrer, além das suas queixas imediatas.

Se a compreensão que nos oferece a Doutrina Espírita sobre a condição humana não for muito firme, poderemos encontrar magnetizadores que não se julgarão jamais aptos ao trabalho. Faltará autoconhecimento, logo serão carentes de compreensão do outro e se perderão nos conflitos emocionais aos quais esse trabalho nos expõe.

As virtudes do amor ao conhecimento, da disciplina, da perseverança e da confiança, não necessitam ser aprendidos pelos magnetizadores espíritas apenas para o trabalho direto, mas para serem vividos e ensinados aos atendidos.

Nas portas da dor existe a invisível sinalização para a porta do amor, ajudá-los a enxergá-la e percorrê-la é também nossa tarefa. □





# MAGNETISMO CLÁSSICO

Tradução de Lizarbe Gomes

## LIVRO TERCEIRO DA DIREÇÃO DE UM TRATAMENTO MAGNÉTICO

### CAPÍTULO I PRELIMINAR DE TODO TRATAMENTO

É essencial, eu diria mesmo, indispensável fixar as horas das sessões e dizer ao doente que ela deve ser exata.

Assim também o magnetizador, pois em caso de sonambulismo a inexatidão traz graves inconvenientes.

Ele irá considerar os hábitos do doente e do regime que lhe é ordinário; ele fará as modificações convenientes e recomendará a observação; a cada sessão ou de tempos em tempos, ele se informará dos resultados.

Ele prevenirá o doente que ele deve, tanto quanto possível ser assistido pela mesma testemunha e, sobretudo evitar apresentar como um crente ou homem impassível, um incrédulo ou um antagonista do magnetismo, explicando-lhe que a presença deste último poderia anular a ação ou a atenuar. E para que o doente seja atento a esta recomendação, ele não hesitará em lhe dizer que, em caso de infração da parte dele, ele será forçado a abandoná-lo.

Tomadas estas precauções e depois de haver examinado a si mesmo como eu disse anteriormente, o magnetizador poderá passar ao tratamento.

### CAPÍTULO II DOS PRINCÍPIOS GERAIS DE DIREÇÃO

O fim invariável de um tratamento magnético é ajudar a natureza sem contrariá-la jamais. É preciso então apenas magnetizar nos casos úteis e necessários, ou seja, para aliviar ou curar.

Não se deve jamais procurar agir sobre a imaginação dos doentes e procurar produzir efeitos extraordinários; ao contrário, toda a atenção deve ser empregada em fiscalizar as crises que possa sobrevir e aproveitá-las.

É preciso ter e conservar uma grande calma e quando uma crise se manifesta, deixar o doente apenas quando ela tiver terminado e quando ele tiver voltado ao seu estado normal.



Quaisquer que sejam as opiniões concebidas sobre a maior ou menor utilidade dos procedimentos é indispensável fixar-se neles, após a experiência dos outros ou da sua mesmo, afim de não ter um só momento de medo ou de hesitação, para não embaraçar a si mesmo e para não perder um tempo precioso procurando quais são os procedimentos mais convenientes.

Deve-se empregar as forças gradualmente e não de imediato ao se começar.

É preciso evitar magnetizar ao sair da mesa e durante o trabalho de digestão; assim como é bom não estar de jejum, afim de não se cansar ou de esgotar tão rápido.

Nem durante a doença nem durante a convalescença é preciso magnetizar por tão longo tempo; as primeiras sessões devem ser de no máximo uma hora, as seguintes de três quartos de hora à meia hora.

Quase sempre é interessante tanto para o magnetizador como para o doente, não fazer mais de duas sessões por dia. De um lado, é preciso dar tempo ao magnetismo para produzir seus efeitos e, por outro lado, pela mesma razão, o operador se fatigaria inutilmente.

No entanto, se é necessário sustentar uma crise, um movimento imprimido, o que acontece às vezes, obedece-se às circunstâncias seguindo as necessidades do doente e até que a crise termine. Tem-se visto magnetizadores obrigados a sustentar uma crise durante três, quatro, cinco horas, por vezes por todo o dia e toda uma noite.

Não se deve começar um tratamento senão se está seguro de poder continuá-lo.

É bastante perigoso interromper um tratamento iniciado ou de não sustentar uma crise que se tenha excitado e que a natureza não possa conduzir a seu fim sem ajuda do magnetismo. Eu falarei disso mais adiante.

## CAPÍTULO III

## DA APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS GERAIS AOS CASOS PARTICULARES

Quando se vê que o magnetismo age, é preciso redobrar a atenção sem perder a calma que se tenha conservado para esperar seus efeitos; deve-se, sobretudo, evitar fazer esforços para aumentar aqueles os quais se acabou de obter, se perturbaria assim a marcha da natureza.

Se a magnetização colocou o doente num estado que não lhe é o comum, assim como as dores, os movimentos nervosos, a transpiração, os espasmos ou fortes cólicas e estes diversos sintomas se renovando durante várias sessões, não é preciso se preocupar; estes sintomas desaparecerão por si mesmos e às vezes antes do fim da sessão.

Acontece por vezes – estes casos são muito raros, mas é bom estar prevenido – que a primeira impressão do magnetismo produz uma crise acompanhada de movimentos convulsivos, enrijecimento dos membros, acessos de choro ou de riso; o magnetizador não deve se assustar ou se inquietar, mas agir em consequência.

Assim ele se esforçará, através de palavras doces e benevolentes, mas também firmes e seguras, para inspirar a calma e a segurança ao doente; ele pegará os seus polegares por um momento e em seguida fará várias fricções longitudinais.

Se as fricções excitam o doente em vez de acalmá-lo, se faz passes à distância; magnetiza-se em “grandes correntes” e a calma acaba por chegar.

(1) O Sr. Deleuze diz sobre o mesmo assunto: “o efeito sobre o qual acabei de falar (uma crise nervos no início de uma magnetização) é tão raro que o produzi por mim mesmo somente três ou quatro vezes em uma prática de trinta e cinco anos. Sei bem que aconteceu várias vezes e que teve consequências desagradáveis. Mas foi entre pessoas que magnetizavam para fazer experiências, para mostrar os fenômenos e não com a calma e a única intenção de fazer o bem. Eu teria apenas cuidado de anotar este efeito se eu já não tivesse visto recentemente um exemplo do qual vou dar conta para me fazer melhor entender, se bem que esta obra não seja destinada a relacionar estes fatos. Fui solicitado há alguns dias a dar uma lição a uma senhora que queria magnetizar sua filha, atingida por uma doença leve, mas forte e antiga e cuja causa se ignorava. Eu coloquei a mãe ao meu lado e, para lhe mostrar os procedimentos, magnetizava sua filha que não experimentou absolutamente nada.

Quando o caso se apresente por duas vezes seguidas, tomam-se as precauções para a terceira sessão; contenta-se apenas em pegar os polegares e, relação estabelecida, se magnetiza por passes longitudinais à distância. O doente permanecendo calmo, retorna-se pouco a pouco ao lugar que se ocupava e se tenta de novo os procedimentos necessários até que o doente termine por suportar a ação. (1)

É necessário não confundir os movimentos convulsivos que duram apenas por um momento com uma irritação nervosa que continua após a sessão e se prolonga de uma a outra deixando o magnetizado num estado de contínuo mal-estar. Quando se encontra estas pessoas que tem este gênero de suscetibilidade, é preciso usar com eles os procedimentos mais calmantes e agir de longe.

Se, depois de três ou quatro sessões, o mesmo efeito acontecer, deve-se colocar um dia de intervalo nas sessões seguintes; e se, ao fim de oito a dez dias, os mesmos sintomas se apresentem é preciso cessar, tirando do fato as consequências seguintes: o magnetizador ou o magnetismo não convém ao doente.

Para se assegurar, confia-se o doente a um outro magnetizador; se o mesmo fenômeno ocorre, substitui-se este magnetizador por um outro; pode-se mesmo tentar um terceiro, após o qual, não havendo mudança, se concluirá que o magnetismo não convém ao doente.

Finalmente, quaisquer que sejam as crises que sobrevenham no curso de um tratamento, não se assuste; se você não se perturbar, se permanecer calmo, nada pode acontecer e nada de desagradável acontecerá ao doente.

AUBIN GAUTHIER

A mãe disse-me que ela havia sido magnetizada uma vez e que sentiu a necessidade de fechar os olhos. Eu quis ver se eu agiria sobre ela. Depois de quatro ou cinco minutos de passes em “grandes correntes” e de aplicação da mão sobre o estômago, ela exclamou: “Ah! Que sensação agradável!” Um minuto depois ela teve um movimento convulsivo; os membros se enrijeceram; o pescoço inchou e ela levantou a cabeça para trás e deu um grito. Eu peguei os polegares; eu lhe repeti várias vezes com um tom imperativo; “Acalme-se!” Eu me afastei em seguida para magnetizar em “grandes correntes”; enfim, tentei fazer, sempre à distância, passes transversais para dispersar o fluido. Então sua expressão mudou, mas sobreveio um acesso de riso que durou alguns minutos. Tudo se acalmou pouco a pouco; ela me disse que se achava muito bem. Se eu tivesse chamado alguém para detê-la, se eu tivesse ficado assustado, se não tivesse acalmado a crise, é provável que a dama assim magnetizada teria ficado perturbada durante vários dias.” (*Instruções Práticas, 60 a 62*)



# JACOB MELO

*responde*

## COMO PODEMOS INTERPRETAR A FRASE DE JESUS: "A tua fé te curou"?

Coisa desagradável é tirar pirulito da boca de criança. Mas nem sempre só isso o é. Entretanto, quantas vezes passamos anos e anos na vida com verdadeiros bombons deliciando nosso paladar e, um dia, descobrimos um diabetes ou alguma gordurinha localizada a nos pedir reflexão acerca daquilo que é tão doce, tão delicioso! Não é que o docinho mude de sabor, mas a forma como nos relacionaremos com ele precisa mudar.

Muitas vezes, verdades evangélicas e morais são assimiladas de forma tão singela que chegam a não pedir maiores reflexões, principalmente quando favorecem às acomodações. Todavia, quando precisamos de verdades mais eloquentes em nosso íntimo percebemos ser necessário repensar, revalorizar o que temos acrisolado.

Sempre ouvimos que "a tua fé te curou" e, pensando bem, quase nunca nos damos conta de que esta frase não tem aí seu ponto final. Costuma ser acrescida de "e não tornes a pecar, para que não te suceda algo pior".

É meio parecido com bula de remédios que diz como e para que serve aquilo, ao tempo em que previne das reações adversas e contra-indicações. E a maior semelhança está exatamente no fato de buscarmos saber para que serve e costumarmos dar pouca atenção aos riscos envolvidos. Mas, por que será que Jesus usou tanto essa exclamação?



Seguramente, ele estava dizendo que a cura é um processo que tem seu disparo inicial dentro de quem quer ser ou precisa ser curado. E ele disse isso de outra forma também: "conhecerás a verdade e esta te libertará". Libertará do quê? Será que eu sabendo de uma coisa estarei livre dela? Se alguém fuma e sabe dos perigos daí advindos, simplesmente estará livre do fumo ou de seus efeitos só por conhecer os malefícios associados? Dá para se perceber que o entendimento disso tudo não é apenas um chupar de balinhas, mas de processar tudo o que lhe é decorrente e consequente.

Lógico que alguém já pode disparar: e quem está em coma? E quem não acredita? E quem não quer? Não tem vezes que a cura os atinge igualmente enquanto que outros que querem e fazem por onde atingir a cura, não parece que ela deles foge desbragadamente?

A fé é sentimento íntimo, inato e que se desenvolve com o avanço intelecto-moral do ser humano. Intelecto-moral porque se fundamenta nos sentimentos mais íntimos e profundos do ser e vai se robustecendo à medida em que a confrontação com a razão amplia-lhe a base. Significa dizer que essa fé não se liga necessariamente a uma crença ou doutrina em particular e sim à maneira com que se lida com o plausível e o impalpável, o real e o imaginável, o denso e o sutil. Assim há quem verbalize não ter fé, porem, no modo de vida, expresse exatamente o oposto; de igual forma ocorre o reverso.

É de se destacar o caso da mulher hemorroíssa (Matheus, 9, 20-22) que apenas tocou a veste de Jesus e se curou. Ele disse a ela que foi a fé que agiu, mas fica a questão: por que será que a fé não atuou desde o momento em que se instalou em seu coração, mas apenas quando ela Lhe tocou as vestes? Este é um caso por demais significativo. A fé funcionou ou fez funcionar uma atração fluídica surpreendentemente eficaz, mas, ainda aí, foi necessário um toque, um quê de detalhe adicional para que a manifestação material se desse. Ou seja: a fé a curou sim, mas não a fé da crença ou de uma espera inativa e sim a fé que levou-a a mover-se até a fonte, até o "campo energético" por excelência que a curaria.

Por fim, quando Jesus assevera que se tivermos uma fé do tamanho de um grão de mostarda, ao tempo em que sinaliza que ainda estamos com uma fé absurdamente pequena em nossas almas, Ele nos conclama a uma percepção mais rica e profunda desse sentimento. A fé verdadeira pede movimento, ação, retirada de obstáculos, empenho, esforços constantes e vitórias. É assim que a doce fé do simples crer que é e será deverá ser substituída pela fé da ação, da perseverança, da busca, da luta, do mergulho interior levando-nos grandiosos para o exterior.

A nossa fé nos curará sim. Mas precisaremos ir além de comer docinhos. Precisamos nos alimentar de vida para a Vida nos presentear com as curas reais. □